

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUÇÕES

N.º 7

ARCHEOLOGIA HISTORICA
E
PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

Representação da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes ao Governo de Sua Magestade.....	Pag. 97
SECÇÃO DE ARCHITECTURA:	
La Capilla del Marqués de Velez, en la Cathedral de Murcia, pelo Sr. D. PEDRO A. BERENGUER, socio correspondente.....	» 99
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA:	
Decifração das moedas de prata arabes, achadas no Algarve este anno, pelo sr. D. RODRIGO AMADOR DE LOS RIOS, socio laureado.....	» 10
Artigo de um novo dictionario geographico-historico: Anta, pelo Sr. VICTORINO D'ALMADA, socio effectivo.....	» 10
Resumo elementar de Archeologia Christã (continuação) pelo sr. POSSIDONIO DA SILVA.....	» 102
Explicação da estampa n.º 87, pelo sr. POSSIDONIO DA SILVA.....	» 108
Congressos Internacionaes na Exposição Universal de Paris, 1889 (continuação) pelo sr. POSSIDONIO DA SILVA.....	» 109
A memoria de uma conspicua pessoa de notavel illustração e de superiores qualidades, pelos R. R....	» 111
Chronica.....	» 111
Noticiario.....	» 111

Na sessão da nossa Real Associação de 22 de dezembro do anno findo, deliberou a assembléa geral, por proposta do sr. Possidonio da Silva, ser necessario fazer ao Governo uma representação, no sentido da que em seguida transcrevemos, que vae assignada por todos os socios da capital, tendo sido eleitos para a apresentar uma commissão composta do Ex.^{mo} socio, sr. Conde de S. Januario, vice-presidente da Associação; do secretário da Archeologia, o sr. Visconde de Alemquer, e dos socios os srs. Conde de Almedina e Eduardo Augusto da Rocha Dias. A representação foi entregue pelo sr. Conde de S. Januario ao sr. Ministro das Obras Publicas e s. ex.^a mandou proceder ao orçamento respectivo, promettendo deferir ao pedido por completo.

SENHOR

No Museu da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes existem monumento de subido valor archeologico e architectonico. A exposição permanente que d'elles se faz, constitue sem duvida um grande serviço que esta Associação, representada pelos abaixo assignados, está prestando á vulgarisação scientifica; mas, ainda assim, é grande a sua magua, porquê das numerosas colleções, que possui, de instrumentos prehistoricos e outras verdadeiras preciosidades, que lhe teem sido offerecidas, nem todas se exhibem, com manifesto prejuizo dos estudiosos e acaso dando logar no animo dos generosos doadores, entre os quaes se encontram eminentes sabios estrangeiros, a uma suspeita de menos apreço, cuja sombra nem sequer desejamos que chegue a levantar-se. A impossibilidade, a que nos referimos, provém de não haver actualmente nas duas salas destinadas ás *vitrines* o espaço necessario para a methodica e segura disposição de todos aquelles documentos interessantissimos á historia da humanidade; porém, tal impossibilidade facilmente desaparecerá, convertendo em sala do Museu a capella central do edificio. Para este fim torna-se indispensavel transportar d'ali a estatua da Senhora D. Maria I, varios sarcophagos e outros monumentos, que não se deterioram ao ar livre e que podem ficar perfeitamente no sitio das naves que não teem cobertura. Comtudo esta remoção e o arranjo da capella central demandam despezas, que, por mais restrictas que sejam, não as permite a exiguidade da receita do nosso cofre.

N'estes termos a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, convencida de que o illustrado governo de Vossa Magestade não lhe denegará o auxilio que necessita para corresponder da melhor fórma á sua importante missão de cooperar no progresso scientifico, e para que o Museu por ella fundado não seja alvo de quaesquer censuras, já dos visitantes estrangeiros, já mesmo dos nacionaes, vem respeitosamente

Pedir, pelo Ministerio das Obras Publicas :

Primeiro — Que da capella central do edificio do Carmo em Lisboa, se mande remover a estatua da Senhora D. Maria I e outros monumentos ali existentes, sendo immediatamente, e com as devidas precauções para se não damnificarem no transporte, collocados nas naves do referido edificio. Segundo — Que na mesma capella central depois de convenientemente limpa, sem alterar o aspecto de vetustez que as paredes e o tecto devem conservar, se proceda aos seguintes melhoramentos urgentes e indispensaveis: assentamento de soalho, pintura e concerto de portas e caixilhos, bem como alguns resguardos tendentes a evitar que a nova sala seja prejudicada pelas aguas pluvias.

E. R. M.^{ca}

Joaquim Possidonio Narciso da Silva
Visconde de Alemquer
José de Saldanha Oliveira e Sousa
Zephyrino Brandão
Conde de S. Januario
Henrique Folque Possollo
Ignacio de Vilhena Barbosa
Joaquim Simões Margiochi
Francisco Simões Margiochi
Conde de Almedina
Antonio Florencio de Sousa Pinto
Valentim José Corrêa
Marquez de Vallada
Antonio da Costa Oliveira
Jacintho Eduardo de Brito Seixas
Barão de Fonte Bella
Luciano Cordeiro
Visconde de Melicio
Augusto Carlos Teixeira de Aragão
Luiz Gonzaga dos Reis Torgal
Alfredo Keil
Francisco Antonio Brandão
Mons. Alfredo Elviro dos Santos
Carlos Alexandre Munró
Visconde de Valmor
Marquez de Fronteira
João Antonio Pinto
Maximiano Monteiro

Visconde de Coruche
E. Casanova
Francisco Soares O'Sulivand
José Gregorio da Rosa Araujo
Manuel Velloso Armelim Junior
Visconde da Torre da Murta
Duque de Palmella
José da Cunha Porto
Jacintho Parreira
Costa Goodolphim
José Lamas
D. Antonio José de Mello
Antonio Pinto Bastos
Antonio Felix da Costa
José Antonio Gaspar
Joseph Benoliel
Gabriel Victor do Monte Pereira
Eduardo Augusto da Rocha Dias
José Caggiani
Theodoro da Motta
Augusto Eugenio de Freitas Cavalleiro e Sousa
A. J. Duarte Nazareth
José Tedeschi
Duque de Loulé
Licinio da Silva
Ernesto da Silva
Pedro Wenceslau de Brito Aranha.

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

O nosso presado socio correspondente, o illustrado capitão sr. D. Pedro Berenguer, professor de mathematica na escola militar de Toledo, enviou-nos uma excellente descripção architectonica da celebre cathedral de Murcia. Expondo com um superior cri-

terio a transformação do estylo ogival para o do renascimento, serviu-lhe de notavel exemplo a referida cathedral. O seu merecimento artistico não é muito conhecido em Hespanha; e por isso mais temos que agradecer ao nosso confrade archeologo

pela preferencia que deu aos sócios da nossa Associação fazendo-lhes conhecer tão importante construção religiosa.

Os nossos cordeaes agradecimentos receba o talentoso auctor d'esta erudita analyse, e para não lhe diminuir o attractivo da sua redacção, damol-a no seu proprio idioma.

J. P. N. DA SILVA.

LA CAPILLA DEL MARQUÉS DE LOS VELEZ EN LA CATEDRAL DE MURCIA

Legado precioso que dejaron al templo catedral murciano como uno de sus principales ornamentos los insignes varones D. Juan Chacón y D. Pedro Faxardo, ofreciendo á las generaciones que habian de sucederles un testimonio de la fervorosa piedad con que los magnates de su época seguian la magnificencia de los reyes y prelados en las construcciones religiosas, un objecto de estudio en tiempos posteriores al artista y al arqueólogo, y enriqueciendo los anales de la esclarecida casa de los Velez y Villafranca con un *hecho de paz* tan célebre como pueden serlo los que en los mismos anales se registren de brillantes victorias alcanzadas en la guerra.

En efecto, la capilla cuyo nombre sirve de epígrafe á este estudio, presenta uno de los tipos mas acabados y ricos de la pompa y fausto con que la arquitectura ojival se despedia del mundo artístico en los últimos años del siglo xv y los primeros del xvi, para ceder su puesto á la del renacimiento.

Los elementos ornamentales y formas generales de este sistema, se mezclan apoyados por el afán de la novedad, á los característicos de su antecesor; al principio tímidamente; despues, de una manera mas determinada; y al comenzar el siglo xvi, con las tendencias dominantes que al fin alcanzaron el triunfo definitivo. Así se observa en las construcciones de esta época, abatido en general el arco ojivo y sustituido en los sitios principales por los semicirculares, y por los rebajados, ya elípticos, ya ovalos de tres centros cuyas cajitas y cuerdas se determinan entre si por relaciones tan grandes, que á la vez que en los extremos ó arranques resultan dos porciones de curva á lo sumo pronunciada y mezquina, la del centro aparece casi recta y comparativamente colosal, cuyas condiciones de trazado producen una forma nada elegante y bastante desagradable á la vista.

Semejante institución encontró tanto mas allanado el camino, cuanto la pureza con que la ojiva se ostentó y sostuvo casi sin competencia durante los siglos xiii y xiv, y primer tercio del xv, fué adulterada en lo sucesivo con los arcos trebolados y conopiales que el afán de innovar, siempre peli-

groso cuando es hecho sin reflexionar, introdujo como elemento preferible del ornamento arquitectónico.

Por otra parte, los pilares, ya exentos, ya entregados á los muros en sus planos, ó en los ángulos formados por sus encuentros, aunque conservan la disposición fasciculada que adquirieron en el siglo xiv, la modifican aumentando, mezclando y adelgazando notablemente los baquetones cilíndricos y prismáticos presentando estos últimos bien su frente plana, ó bien sus angulos. Estos pilares se interrumpen con frecuencia y á cierta altura por ménsulas de complicado labor unas veces, y otras, aparentando ser sostenidas por animales de varias especies y en actitudes grotescas, destinados a soportar, ó que efectivamente soportan, estatuas cobijadas por las características y más ó menos afiligranadas torrecillas y marquesinas del genero ojival, reapareciendo por encima de ellas dichos pilares, casi siempre modificados en la combinacion que presentaron en su parte inferior y subiendo á ser ceñidos en forma de capitel por la faja general que circunda la parte superior de la obra, y cuya faja se halla á su vez dominada por una penacheria ó cresteria formada de caprichosos enlaces.

La que se contempla en nuestra catedral es de primoroso gusto. Sobre los capiteles arrancan, encorbandose, y al propio tiempo elevandose graciosa y gallardamente los arestones, que despues se esparcen, separan y vuelven á buscar, cruzandose, en numerosos y variados giros, formando vistosas combinaciones para sostener y fortificar los compartimientos en que dividen la bóveda general.

Por último, los paramentos de los fondos y costados de los grandes ornamentos que se destinaban á capillas ó enterramientos, se revestian profusamente de multitud de ornatos, como arcos ornamentales formado de gruesos baquetones, grecas, lazos, ingeniosísimas penetraciones, franjas huecas y caladas, ligeros trepados, largas líneas de pequeñas almenas, triforios y tribunas simuladas, antepechos con calados imitando las ondulaciones ascendientes de una llama, cuyo adorno, prodigado con cierta preferencia á la vez que otros, dió con ellos origen á la denominacion de gótico florido ó flamante con que Batissier y otros muchos franceses distinguieron al estilo ojival del tercero, y último periodo: no menos se multiplicaron los nichos y estatuas, los follages en que sobresalen las hojas de bena rizada, de cardo espinoso ó agudo, de la vid silvestre y de mil y mil otras especies indígenas, con que se decoraban las guarniciones de puertas y ventanas, impuestas y arquivueltas, introduciendo y enlazando con esto mismo follagen en el último periodo á que nos vinimos refiriendo, objetos decorativos propios del renacimiento en el estilo designado en España con el nombre de platería,

con jarroncitos, niños desnudos, animales fantásticos y de existencia real; pero de airoas formas unos y otros, y sin olvidar los frutos y flores y otros ornatos de que hasta entonces no se habia hecho aplicación; agregándose tanta prodigalidad y refinamiento de lujo, esmero y paciencia mas admirables, para conseguir todo el primor de ejecución de que es capaz el cincél mas delicado.

Tal era, pues, la fascinadora exornación y brillante pompa de que hacia tan ostentoso alarde la arquitectura ojival al tiempo mismo en que iba á ceder su dominación de mas de tres siglos, á otro

sistema no menos fastoso, aunque mas risueño, siendo de este hecho la suntuosa capilla de que hemos hablado, un precioso testimonio y una de las mas ricas muestras; é indudablemente, bajo tal concepto y sin que la afirmación pueda tacharse de hiperbólica, un ejemplar de los mas notables, aunque poco conocido en España, si bien en muchas provincias se tienen noticias de su existencia, no tanto por su mérito general, cuanto por la cadena de piedra que ciñe á la obra por su parte exterior.

PEDRO A. BERENGUER.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

O nosso muito illustrado consocio o Sr. D. Rodrigo Amador de los Rios, prestou-se com a melhor vontade para decifrar as moedas de prata arabes que foram n'este anno achadas no Algarve, é que publicamos n'este *Boletim* para conhecimento dos nossos socios. Merecidos agradecimentos damos ao sabio epigraphista, cujo merecimento é admirado pelos archeologos dos paizes cultos.

Ad-dirhém de Abd-er-Rahmán III

Anverso — Arca:

لا اله الا	No hay Dios sinó
الله وحده	Alláh único.
لا شريك له	No tiene semejante á él.
قاسم	Cassim

Orla:

بسم الله * ضرب هذا الدرهم بالاندلس سنة
En el nombre de Alláh. Fué
acuñado este ad-dirhém en Al-Andálus el año treinta
y trescientos (330 H. 941 á 942 de T. C.).

Reverso — Arca:

الامام	El Imám
الناصر لدين	An-Nássir-li-din
الله عبد الرحمن	-il-Láh Abd-ur-Rahmán
امير المؤمنين	Príncipe de los creyentes.

Orla:

محمد رسول الله * ارسله بالهدى ودين الحق
Mahoma ليظهره على الدين كله ولو كره المشركون
es el enviado de Alláh. Envióle con la direccion y

ley verdadera, á fin que la hiciese prevalecer sobre
las religiones todas, á despecho de los infie[les].

Ad-dirhém de Al-Hakém II

Anverso — Arca:

لا اله الا	No hay Dios sinó
الله وحده	Alláh único.
لا شريك له	No tiene semejante á él.

Orla:

بسم الله * ضرب هذا الدرهم بمدينة الزهراء سنة
En el nombre de Alláh. Fué
acuñado este ad-dirhém en Medinat-Az-Zahrá el año
cuatro y cincuenta y [trescientos] (354 H. 965 T. C.)

Reverso — Arca:

عبد	Abd-
الامام الحكم	El Imám Al-Hakém
امير المؤمنين	Príncipe de los creyentes
المستنصر بالله	Al-Mostanssir-bil-Láh-
الرحمن	-er-Rahmán.

Orla: Mision profética de Mahoma, hasta ولو

Ad-dirhém de Al-Hakém II

Anverso — Arca: Como la moneda anterior.

Orla:

بسم الله * ضرب هذا الدرهم بمدينة الزهراء سنة
En el nombre de Alláh. Fué
acuñado este ad-dirhém en Medinat-Az-Zahrá

el año seis y cincuenta y trescientos (396 H. 966 á 967 T. C.).

Reverso — Arca: Igual al de la moneda anterior.

Orla: Mision profética de Mahoma completa.

Ad-dirhém borroso de Hixém II

Anverso — Arca: Como en las monedas anteriores.

Orla:

بسم الله . ضرب هذا الدرهم بالاندلس سنة
[?]... En el nombre de Alláh. Fué acuñado este
ad-dirhém en Al-Andalus el año nueve... [?] (389 H.
998 á 999 T. C.?). — No se lee la fecha en el calco.

Reverso — Arca:

الامام هشام	El Imám Hixém
امير المؤمنين	Príncipe de los creyentes
الموید بالله	Al-Muyyed-bil-Láh
عاصر	Amir

Orla: Mision profética de Mahoma hasta ولو
segun parese entenderse en el calco.

MADRID, 16 Marzo 1890.

D. A. DE LOS RIOS.

ARTIGO DE UM NOVO DICCIONARIO GEOGRAPHICO E HISTORICO

O nosso illustrado consocio, sr. Victorino d'Almada, residente em Elvas, está publicando uma obra importantissima, que tem por titulo: *Elementos para um diccionario de geographia e historia portugueza — concelho d'Elvas e extinctos de Barbacena, Villa-Boim e Villa Fernando*.

Do 2.º volume d'este valioso trabalho transcrevemos o seguinte artigo que apreciamos devidamente, solicitandó para elle a attenção dos nossos leitores:

Anta — Nome que vulgarmente se dá em Portugal aos monumentos megalithicos, que os archeologos denominam dolmens.

Compõe-se de grandes lagens aprumadas e dispostas em fórma proximamente circular com uma entrada e galeria; e, estendida horisontalmente sobre essas lagens, outra de maiores dimensões, que é como tecto d'esta casinha de granito.

Até certo tempo acreditou-se que os dolmens eram altares druidicos, sobre que immolavam as victimas nos sacrificios. A sua forma de mesa lhes

fez dar o nome de *dolmins*, que em bretão lhe corresponde.

Hoje está de todo banida essa opinião, acreditando-se geralmente, que são tumulos, e obra de muitos povos e de muitas gerações.

O geographo Strabão, cujo livro, escripto poucos annos antes de Christo, chegou até nós, parece alludir a estas construcções quando trata da península iberica, e particularmente do Promontorio sacro, hoje cabo de S. Vicente.

O trecho do viajante grego foi assim traduzido por um auctor antigo: «Sed lapides multis in locis ternos aut quaternos esse compositos, qui ab eo venientibus ex more a maioribus tradito convertantur, translatique fingantur.»

Outro auctor interpretou assim a mesma passagem: «Sed accumulatos passim lapides ternos, aut quaternos quos advenæ de regionis consuetudine advolvunt eos, ita migrasse mentientes.

Vimos ambas as versões transcriptas n'uma memoria que foi communicada á Academia de Historia em sessão de 30 de julho de 1733 por Martinho de Mendonça de Pina; o primeiro auctor portuguez, cremos, que tratou d'estes monumentos megalithicos, alludindo aos que então havia perto de Guilhaffonso, das Antas de Penalva, da Matança e da Carrapichana, na Beira, e ao de Niza, no Alemtejo.

Depois d'este academico, o padre Affonso da Madre de Deus Guerreiro tambem communicou á Academia, em 1734, a noticia da existencia de 315 antas em Portugal, as quaes, pela destruição de mais de metade, estão hoje reduzidas a 138, conforme declara o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, fundador e presidente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, na memoria que apresentou ao Congresso de Montpellier, em sessão de 30 de agosto de 1879, com o titulo de *Notice sur les monuments mégalithiques du Portugal*.

N'essa memoria accusa o distincto archeologo a existencia dos seguintes dolmens na provincia do Alemtejo, a saber: Tisnada, Barrocal, Pinheiro do Campo, Amendoeirinha, Outeiro das Vinhas, Cabida, Zambujal, Pereira, Chaminé, Benespera, Pêramanca, Amendoeira, Val-melhorado, Parede, Sempre-noiva, S. Pedro da Gafanhoeira, Candieiras, Mourão, Vidigueira, Castello de Vide, Sarrinha, Gafanhoeira, Freixo de Cima, Torre de Coelhoos, Barbacena, Aguiar, Lairinha, Degebe, Val de Moura, Antanol, Ribeiro Melrico, Pombaes, Mouratão, Alkogulo, Milhar do Cabeço, Corleiros, Galhardos, Pedro Alvaro, Olheiros, Mourões, Grou, Crato, Vendas Novas, Paiva, Enxarrama, Venda do Duque, Monte Branco, Panasqueira, Algeda, Melides, Niza, Arrayolos, Barrocal, Monte do Outeiro, Murteira, Esgueira, e Ara-coeli.

Alguns d'estes nomes parece terem sido estro-

piados pelo compositor francez; e n'esta extensa lista encontram-se alguns que manifestamente pertencem a este concelho; uma parte de antas destruidas e outra parte de antas subsistentes, faltando a mencionarem-se outras, de que, parece, o sr. Possidonio da Silva não tinha até esse tempo noticia.

São 13 ao todo as que teem sido reconhecidas dentro do territorio d'este concelho, a saber:

- 1.º « Pedra d'Anta. »
- 2.º « Marco das sete fontes », ambas na herdade da Torre das Arcas.
- 3.º Anta á quinta do Botas.
- 4.º Anta á quinta de S. José ou do Sardinha.
- 5.º Anta a Val de Mouros.
- 6.º Anta na herdade das Caldeiras.
- 7.º « Pedras empinadas » na herdade de S. Raphael.
- 8.º e 9.º Antas na mesma herdade.
- 10.º Anta na courella das Covêtas.
- 11.º Anta na herdade do Soveral.
- 12.º Anta na coutada de Barbacena.
- 13.º Anta na herdade do Torrão.

Nos competentes logares daremos as noticias que de cada uma possuímos, advertindo desde já, que a melhor conservada, a que portanto merece ser vista pelos curiosos, é a da Coutada de Barbacena, a 2 km. oés-noroésle da villa d'este nome, á esquerda do caminho de Monforte, a qual conserva a mesa apoiada em duas pedras.

É esta uma das nomeadas pelo sr. Possidonio, e parece que por Pereira da Costa, nos *Monumentos prehistoricos*, que não podêmos ainda ler.

A primeira que vimos, indo ali expressamente para esse fim com o pintor e esculptor catalão D. Luis Vermell, o qual nos deu noticia de muitas que achou nas suas peregrinações por Hespanha, foi a denominada « Pedra d'Anta » da idade da Torre das Arcas, em 1875, deparando-se-nos n'essa occasião tambem o « Marco das sete fontes » da mesma herdade.

Parte d'estas antas foram methodicamente exploradas, graças ás diligencias de Antonio Pires, pelo sr. Possidonio em setembro de 1881, e outra parte por mr. Emile de Cartailhac, commissionado pelo governo francez para o estudo d'estes monumentos na peninsula, em outubro do mesmo anno.

As descobertas confirmaram a existencia d'esqueletos antiquissimos e de diversos objectos d'uso prehistorico, accrescendo na anta principal de S. Raphael uma ponta de flecha de bronze, que o sr. Possidonio da Silva levou para o Museu do Carmo em Lisboa.

Nota—Os instrumentos descobertos n'este Dolmen pelo sr. Possidonio foram apresentados por elle no Congresso archeologico da Rochella em 1882, e apreciados pelos membros do Congresso — *Jóias Cêlticas* — pela sua extrema delicadeza e perfeição do trabalho. — R.

Outros objectos encontrados levou-os para França mr. Cartailhac, ficando apenas em Elvas uns fragmentos das ossadas, que ainda se guardam na secção archeologica e historica da bibliotheca municipal.

VICTORINO D'ÁLMADA.

socio effectivo

RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CHRISTÃ

(Continuado do n.º 6, pag. 93)

As *casulas* mais ricas eram de seda, cravejadas de pedras, de perolas e bordadas a ouro, prata, seda ou lã, reproduzindo figuras geometricas, flôres, animaes, symbolos e assumptos religiosos. Estes ornatos espalhavam se muitas vezes por toda a casula; comtudo d'ordinario apenas occupavam as bandas verticaes longas e estreitas, chamadas *proetastae*, *listae* ou *augusti clavi*; regularmente são duas, uma na frente e outra na parte posterior. Além do motivo decorativo que ellas tinham, estas bandas serviam ainda a um fim util, a de tapar as duas costuras precisas para dar feitio ao paramento. Duas outras fachtas, egualmente estreitas, passavam sobre os hombros e vinham terminar nas bandas verticaes do peito e ao meio das costas, figurando, adiante e atraz, uma Cruz em fôrma de Y.

Ha *casulas* antigas que não têm as fachtas de junção que passam sobre os hombros e cuja decoraçào se resume nas duas fachtas verticaes. Algumas vezes tambem estas fachtas são substituidas por arvores ou plantas com muitas ramificações.

As casulas de uso diario e as das egrejas mais modestas não eram de seda. materia de um preço excessivo n'essa época, mas sim de lã, tela ou outros tecidos mais baratos.

A *estola* consiste em uma facha comprida e estreita, de seda, de lã ou de tela, medindo em geral 2^m,70 de comprimento sobre 6 a 7 centimetros de largura. Foi a partir do ix seculo, que ella tomou esta fôrma e estas dimensões, que se approximam muito das que ainda hoje tem.

As escolas ricas eram ornadas de pedrarias bordadas, e placas de metal cinzeladas e esmaltadas, e terminavam nas pontas por longas franjas.

O *manipulo*, que d'antes consistia n'uma especie de toalha, com a qual os padres limpavam as mãos e a cara ou purificavam os vasos sagrados, só perdeu a fôrma e o destino primitivo, durante o ix seculo, quando se tornou um verdadeiro paramento semelhante á estola na fôrma, côr e decoraçào.

A *capa* conservou, durante o periodo roman, a mesma fôrma que tinha antes; especialmente reservada aos chantres e clero inferior, era feita com um tecido ordinario. Os Bispos só raras vezes a vestiam,

e por consequencia, não havia capas ricamente decoradas.

A *alva* era de linho mais ou menos fino e algumas vezes de seda branca. Havia duas especies de alva: as alvas sem ornatos, chamadas *albae purae* ou *simplices*, e as alvas guarnecidas, *albae paratae frisiatae*. As primeiras serviam nos dias ordinarios e nas egrejas de segunda ordem; as outras eram usadas pelos Bispos e pelo clero, especialmente nos grandes dias de festa.

A decoração das alvas dos Bispos consistia apenas em certos ornatos em volta do pescoço, nas extremidades das mangas e no bordo inferior; além de duas orlas paralelas verticaes que lembram as *augusti clavi* dos Romanos, e que descem dos pescoço até aos pés, tanto na frente como nas costas.

O *cinto* era geralmente ornamentado com grande luxo.

Muitos tecidos preciosos se fabricaram com fio d'ouro; tendo a forma d'uma grande fita de largura entre tres e seis centímetros, podendo-se mui facilmente assentar, em toda a sua largura, perolas, pedrarias e placas de metal cinzeladas e esmaltadas.

O *amicto* é composto d'um pedaço de panno quadrado ou rectangular, que o sacerdote põe na cabeça, quando começa a revestir-se, e que depois faz descer sobre o pescoço.

Os amictos eram em geral de panno de linho. No periodo roman tambem os havia de seda, e de fio d'ouro.

No xi seculo começaram os amictos, a ter um ornamento que se conservou em uso durante toda a idade média, e que recebeu o nome de — *parura-plaga* — e tambem, ás vezes o de — *proetesta*. Este adorno consistia, no seu principio, em uma tira rectangular d'ouro, de renda ou tecido de côr brilhante, que se pregava no bordo superior do amicto, e que formava em torno do pescoço uma especie de rico collar, visível mesmo depois do sacerdote e os ministros sagrados terem revestido a casula ou a dalmatica. Algumas vezes tambem tinham como adorno perolas e pedras preciosas.

A *dalmatica* é o paramento sacerdotal para vestir por cima, pertencente ao diacono e sub-diacono. Consistia, durante o periodo roman, regularmente n'uma especie de toga fechada muito cumprida, com mangas e uma abertura para passar a cabeça. Duas faixas verticaes d'ouro ou de côr brilhante se applicavam, ás vezes, sobre a toga, prolongando-se até ao bordo inferior.

Do seculo xi em diante appareceram dalmaticas abertas nos dois lados até uma certa altura. Eram muitas vezes guarnecidas de faixas douradas em volta do pescoço, e nos canhões das mangas.

O *pallium* constituia entre os antigos o principal paramento de vestir por cima.

Deu-se com o *pallio* o mesmo que se havia dado com a estola, parte principal, e primitivamente essencial, isto é, o manto foi supprimido, e apenas se conservou o ornato accessorio, as faixas que se lhe applicaram. Estas uniam sobre o peito e sobre as costas, em forma de Y, da mesma maneira que as *listae* em certas casulas.

Durante o periodo Latino já se decoravam as faixas do *pallium* com pequenas cruces gregas. Estas cruces, pouco numerosas a principio, foram-se multiplicando, insensivelmente, e desde o seculo xi que já se contavam muitas sobre toda a extensão das faixas.

Abbas, Mosteiros e claustros dos Capitulos

Desde o viii seculo que se começaram a levantar estabelecimentos religiosos, compostos de numerosas construcções edificadas e dispostas com arte. Havia já egrejas, edificios para alojamento e exercicios dos frades, enfermarias, escholas, bibliothecas, hospedarias para os estrangeiros, celleiros, jardins, edificações destinadas aos aprovisionamentos, enfim habitações e officinas para as corporações d'artistas que as abbas tinham sempre ao seu serviço.

Todos estes antigos mosteiros foram destruidos ou inteiramente modificados com o decorrer dos seculos.

Examinaremos as suas disposições anteriores, quando tratarmos do plano das abbas do periodo ogival.

A principio os conegos das cathedraes e collegias viviam em comunidade com os religiosos.

Os claustros das simples collegias eram ordinariamente, como os das abbas, contiguos ás paredes meridionaes da igreja, porque a exposição ao sol do meio dia é a mais agradável e a mais vantajosa para a saude. Por estas razões o lado sul nas cathedraes era occupado pelos palacios episcopaes, e os conegos viam-se obrigados a escolher o lado norte das egrejas, para edificarem os seus claustros.

todavia, esta regra não era geral: existem muitos exemplos de claustros, tanto d'abbas como de capitulos occupando outros logares. Estas excepções á regra geral são devidas a diferentes causas, taes como a presença de ruas ou de construcções que era impossivel supprimir, e, nos paizes montanhosos, os accidentes do terreno que torneava a igreja.

Os claustros das egrejas monasticas, cathedraes, e collegias, compunham-se ordinariamente de um pateo quadrado ou rectangular, rodeado de galerias cobertas, que serviam de passeio aos religiosos e aos conegos.

Estas galerias, abertas para o lado do pateo,

eram comtudo d'elle separadas por meio de um apoio quasi continuo, sobre a qual vinham assentar as columnas com archivoltas, tornando a arcada toda continua. Os mais antigos claustros apenas tinham uma especie de ornamentação com as galerias cobertas d'um simples alpendre de madeira, cujo madeiramento só era visivel no interior. Desde o fim do x seculo foram estes alpendres substituidos por abobadas de berço com aresta, por baixo das quaes muitas vezes tambem se construía um pavimento.

Na maior parte dos claustros romanos do xii seculo, as curvas descendentes das archivoltas são sustentadas por columnas duplas, cobertas por uma perna de telhado. Algumas vezes columnas isoladas alternam com columnas duplas.

Os claustros das cathedraes e das collegiaes eram como os das abbadias, rodeados de edificações indispensaveis para a vida commum dos conegos.

Debaixo d'essas galerias se abriam as portas do refeitório, do dormitório, da escola, e da sala capitular e outros locaes affectos ao serviço da comunidade. Mais tarde, quando a vida commum foi abandonada pelos capitulos, as habitações privadas dos conegos occuparam, em torno das galerias, o lugar d'estes differentes edificios.

A iconographia, isto é, a *sciencia das imagens*, occupa-se das representações figuradas devidas á esculptura, e, em geral, a todas as outras artes de modelar.

A *gloria*, o *nimbo* e a *auréola*. A gloria é um ornamento symbolisando uma nuvem luminosa, que os artistas da idade média põem em torno da cabeça ou do corpo d'um personagem, como attributo da santidade ou do poder. Quando ella não rodeia senão a cabeça, dá-se-lhe o nome de *nimbo*; quando rodeia o corpo inteiro, chama-se *auréola*.

O nimbo derivado da palavra latina (*nimbus*) é um adorno circular, e tambem ás vezes quadrado, oblongo ou triangular com que se costumam adornar as cabeças das figuras que representam as pessoas divinas, os santos e os homens revestidos de auctoridade suprema, quer civil, quer ecclesiastica. É costume collocar-o verticalmente na parte posterior da cabeça. Assim como a corôa é o signal da realza, assim o nimbo é o da santidade ou da auctoridade.

O nimbo circular ou em fôrma de disco é o symbolo de Deus, dos anjos e dos Santos; comtudo, quando circunda a cabeça d'alguma das pessoas divinas, o disco é regularmente ornado com uma cruz grega, de que apenas se vêem tres ramos, pelo que se chama nimbo crucifero. A cruz do nimbo crucifero deve ser vertical, e não inclinada como a cruz de Santo André. Muitos artistas, quando se servem do nimbo, commettem um erro, contra essa regra de iconographia. O nimbo cru-

cifero é o symbolo caracteristico das pessoas divinas, mesmo quando apenas se representam por figuras symbolicas. Assim, por exemplo, a mão, symbolo do Pae Eterno, o cordeiro, symbolo do Filho Jesus Christo, e a pomba, symbolo do Espirito Santo, representam se sempre com o nimbo crucifero.

Os ramos do nimbo crucifero são geralmente bastante compridos e mais largos nas extremidades. O nimbo circular sem a cruz é o symbolo dos anjos e dos Santos do Novo Testamento. No Oriente tambem os Santos do Velho Testamento têm o nimbo, mas no Occidente não se segue essa pratica. As personificações das virtudes, das provincias e das cidades teem tambem o nimbo. Elle é igualmente concedido aos Papas, aos Imperadores, aos reis, e aos padres, quando são representados administrando o Sacramento do baptismo, por isso que elles se acham n'estes casos revestidos d'uma auctoridade suprema.

Os personagens vivos depositarios da auctoridade suprema, eram tambem adornados com o nimbo quadrado ou rectangular. O nimbo é muitas vezes substituido pela corôa que se dá ás imagens esculpidas do Salvador crucificado ou da Virgem com seu Filho.

Origem do nimbo. Os pagãos já faziam uso do nimbo, para ornamentar os seus deuses e imperadores.

Assim se vê Trajano n'um baixo relevo do arco de Constantino e Antonio o Piedoso em uma moeda, confirmando o uso d'este emblema. Mas que época indicará a introdução do nimbo na iconographia christã? O nimbo parece só ter sido empregado pelos christãos depois da conversão de Constantino. Até este tempo não se conhece monumento algum authenticos dos tres primeiros seculos, em que vejamos Christo ou os Santos adornados com o nimbo. Os mais antigos monumentos, de data determinada, em que este ornamento se acha empregado como signal iconographico, são os mosaicos de Roma e de Ravêna.

Ora foi da comparação d'estes differentes monumentos entre si que se conheceu terem sido as imagens do Salvador as primeiras que tiveram nimbo, em segundo logar as dos anjos, depois as dos evangelistas e seus symbolos e emfim as dos Santos e dos soberanos. As imagens de Nosso Senhor começaram a ter nimbo desde o principio do iv seculo; até ao vi seculo se vê o nimbo umas vezes simples, outras crucifero. A Santissima Virgem e os Anjos começaram a ter nimbo desde os primeiros annos do seculo v, os Evangelistas e os Apostolos no meado do mesmo seculo, os Santos e os personagens revestidos de auctoridade soberana no começo do seculo seguinte.

Auréola (palavra derivada do latim *aura*, *vento suave*, *sopro luminoso*) é uma especie de moldura

que envolve todo o corpo como se fôsse o nimbo de corpo inteiro.

Os artistas da idade media dão auréola ás tres Pessoas Divinas e á Santissima Virgem e tambem ás almas dos Santos e principalmente á do pobre Lazaro, figuradas por um pequeno corpo inteiramente nú. A alma é assim deificada no momento em que volta ao seio do Creador.

Os Santos por mais venerados que sejam, nunca têm auréola.

Quando Deus Pae ou Deus Filho se representam sentados na auréola, os seus pés assentam em geral sobre um arco-iris, e sentados sobre um arco semelhante.

Estes arco-iris são muitas vezes substituidos, o primeiro por um escabello rendilhado, e o segundo por uma especie de poltrona. Sendo a auréola mais recente do que o nimbo, caiu comtudo em desuso primeiramente do que este ultimo.

Representação da Santissima Trindade. Durante o periodo roman eram as pessoas da Santissima Trindade representadas de varios modos.

1.º—Para inculcar aos fieis o dogma da egualdade dos homens, representavam-se estes com formas inteiramente semelhantes. As vezes tambem o Deus Filho se representa nos pés ou nas mãos, e o Espirito Santo é representado com a forma d'uma pomba. As pessoas Divinas quando se representam com formas humanas, têm sempre nus os pés.

2.º—Tambem empregavam a representação do baptismo do Senhor nas aguas do Jordão, para figurar as pessoas da Santissima Trindade.

3.º—Nos ultimos annos do periodo roman representava-se a Santissima Trindade da maneira seguinte: Deus Pae, sentado n'um throno ou sobre um arco-iris, tendo nas mãos uma cruz na qual está crucificado o Salvador; o Espirito Santo, representado por uma pomba, apparece entre a bôca do Pae e a do Filho, para mostrar que o procede tanto d'um como do outro. Este typo foi conservado durante toda a idade media e mesmo até aos xvi e xvii seculos.

Comtudo a partir do xv seculo, deixou de se symbolisar o dogma da procissão do Espirito Santo, e collocava-se a pomba ou no braço da cruz ou no hombro do Pae.

Representações das Tres Pessoas Divinas. Deus Pae. Até ao seculo xi, nunca se attribuiram a Deus Pae, formas humanas. A sua presença era apenas indicada por uma mão saindo das nuvens. Esta mão symbolica, primeiramente sem nimbo, e mais tarde com o nimbo simples ou crucifero, encontra-se nos sarcophagos e nos antigos cofres. Foi pois no xi seculo que Deus Pae começou a ser representado sob formas humanas

Deus Filho. Quando tratámos da iconographia

das catacumbas, dissêmos que durante os tres primeiros seculos, só se representava o Salvador, de baixo das formas symbolicas ou das scenas historicas. Já no iv seculo se encontram imagens isoladas do Salvador. Até ao x seculo, Christo representa-se muitas vezes com as feições d'um mancebo de quinze a vinte annos, sem barba, de figura agradável e resplandecente d'uma mocidade Divina; só excepcionalmente Christo tem barba e parece não ter mais que vinte e cinco annos. No xi e xii seculos os artistas dão-lhe uma expressão mais severa; ordinariamente apresenta barba parecendo ter trinta a trinta e cinco annos.

Deus Espirito Santo. Até meiado do x seculo foi sempre representado com a forma d'uma pomba; mas no xi e xii seculos começou tambem a ser figurado com a forma humana.

A cruz e a crucificação

Considerações geraes. A historia da representação da crucificação pôde resumir-se, dizendo que este assumpto não se encontra sobre os monumentos christãos e outros objectos do culto anteriores á conversão de Constantino; a cruz apresenta uma forma dissimulada.

No iv seculo, a cruz fez a sua appareição na iconographia christã. Desde a conversão de Constantino foi então que appareceu sobre um grande numero de monumentos; mas até ao vi seculo ainda não tinha a imagem de Christo: era no emtanto adornada com pedrarias e ás vezes circumdada por uma auréola.

No vi seculo começam então alguns artistas christãos, ainda que timidamente, a representar o Salvador sobre a cruz. Primeiramente servem-se do Cordeiro symbolico, que elles representavam de diferentes maneiras com o signal da redempção. Tambem se vêem cruces tendo ao centro, e ás vezes nas extremidades dos braços uns medalhões com o Divino Cordeiro ou com a imagem do Salvador Triumphante:

Desde o vi até ao xi seculo representa-se o Salvador sobre a cruz com o fim manifesto de recordar o Seu Triumpho sem nunca indicar a minima idéa de soffrimento ou d'opprobrio.

Do xi ao xii seculo representa-se Christo crucificado, mas Glorioso e Triumphante, apesar de ser manifesta a idéa de soffrimento.

Do xiii ao xv seculo, os artistas christãos, tendo mais ou menos em vista o symbolismo das épocas precedentes, esforçam-se por patentear realmente os soffrimentos do Divino Crucificado.

Durante o periodo do renascimento, o culto da forma e da realidade constitue por assim dizer a unica preocupação do artista, que dominado pela idéa de expressar uma dôr vulgar ou de represen-

tar um corpo morto ou moribundo, perde todo o sentimento de nobre symbolismo.

A historia das representações da cruz e do crucifixo comprehende, pois, duas épocas distinctas : a primeira, que durou desde o iv ao xii seculo inclusivè, tem por caracter distinctivo a representação glorificada do instrumento da Paixão e da Victimã, sem signal de que se tivesse prestado voluntariamente ; a segunda, que começa no xiii seculo e termina no xix, é caracterisada pela expressão dos soffrimentos do Divino Salvador.

A época do soffrimento corresponde ao periodo ogival e ao do renascimento.

No iv seculo a cruz é frequentemente encimada por um monogramma inscripto em uma corôa. Quando não tem o referido monogramma, (o que se dá principalmente desde o v seculo) ou tem os braços eguaes e mais largos nos extremos, ou é ornada de perolas em renques, ou ornada de flôres e folhagens, ou rodeiada de auréola. Ha todo o cuidado de apresentar na cruz qualquer ideia d'opprobrio ou d'ignominia ; a cruz não é o instrumento de supplicio, mas sim, a cruz glorificada, o instrumento da Redempção do genero humano.

Estas diversas fórmas de cruz continuaram a usar-se até muito antes do periodo Roman.

Datam do ultimo quartel do vi seculo as primeiras imagens conhecidas do Salvador crucificado. Porém, entre a cruz simples e Crucifixo encontra-se uma serie de monumentos intermediarios, efferecendo a cruz associada ao Cordeiro symbolico.

Estas cruces intermediarias, partindo da cruz sem figuras animadas, ao crucifixo propriamente dito, ainda se encontram em alguns monumentos do vii seculo.

Os mais antigos monumentos conhecidos que representam Christo pregado á cruz, pertencem ao ultimo quartel do seculo vi. Taes são a miniatura do celebre manuscripto syriaco de Florença, do anno 586, e muitos objectos enviados por S. Gregorio o Grande, a Theodolinda, rainha dos Longobardos e conservados hoje no thesouro de Monza. Alguns d'estes ultimos mostram-nos claramente Christo na cruz, ao passo que outros, taes como os frascos de chumbo que continham liquidos recolhidos dos tumulos dos martyres, não fazem mais do que relacionar a imagem de Christo com a cruz, d'uma maneira muito mais sensivel do que a cruz do imperador Justino e outros objectos semelhantes. Tres d'estes curiosos frascos teem ao meio da face principal uma simples cruz folheada, acima da qual se acha o busto do Salvador entre as personificações do Sol e da Lua ; aos lados da cruz vêem-se dois adoradores, os dois ladrões, a Santissima Virgem e S. João ; inferiormente está figurado o Anjo e as Santas mulheres ao pé do tumulo de Christo.

No reverso acha-se a Ascensão do Senhor, nos dois lados do gargalo uma cruz grega de braços eguaes debaixo d'um arco de triumpho e inscripto n'uma corôa folheada. Sobre o quarto frasco figuram scenas symbolicas analogas : está Nosso Senhor em pé entre os dois ladrões, tendo os braços estendidos em cruz. O instrumento do supplicio, que não se vê na face principal, é comtudo representado no reverso do frasco, debaixo d'um arco de triumpho, e cercado pelas cabeças dos Apostolos inscriptas em medalhões circulares e formando uma especie de corôa. Conclue se, pois, que o artista christão foi obrigado primiramente a não representar a menor idéa de opprobrio e soffrimento ; para isto elle transformou a cruz tornando-a de braços eguaes, ornando-a de folhagens e metamorphoseando-a em arvore da vida : quiz afirmar o triumpho alcançado com a morte, por Aquelle que morreu sobre a cruz, recordando a Resurreição e Ascensão do Salvador.

Os crucifixos primitivos não têm quasi nunca Christo esculpido em alto relevo.

Christo está vestido com um *colobium*, ou tunica, ordinariamente sem mangas, que chega até aos pés. O uso d'esta longa veste serviu exclusivamente durante o vii seculo e generalisou-se no ix seculo. N'esta época foi substituida por uma tunica larga cobrindo os rins do Salvador.

Christo tem sempre a cabeça elevada ou ligeiramente inclinada para a direita e os braços estendidos e perfeitamente horisontaes. Os pés estão pregados separadamente á cruz por dois cravos e muitas vezes apoiados sobre um escabello, ou *suppedaneum*. Algumas vezes parece serem supprimidos os cravos com a intenção manifesta de significar que o Christo se offereceu voluntaria e espontaneamente sobre a cruz para a redempção dos homens.

Desde o vi seculo até ao viii, a scena da crucifixão é muitas vezes acompanhada de personagens e outros accessorios fundados na verdade historica, mas que se representam, bem como a imagem de Christo, de uma maneira symbolica. Assim vemos a Santissima Virgem e S. João, o phariseu que empunha a lança e o que segura a esponja, o Sol e a Lua, a resurreição do Salvador, o bom e o mau ladrão. Todos estes accessorios, com excepção do bom e do mau ladrão, se encontram ainda representados nos crucifixos do seculo viii.

O sacrificio da crucifixão e os crucifixos do seculo ix até ao xii, apresentam Christo na mesma attitude que nos seculos precedentes. Os pés conservam-se ainda com dois cravos, mas afastados um do outro e assentes geralmente em um — *suppedaneum*.

Foi no xii seculo que appareceram os primeiros crucifixos apresentando Christo com os pés *sobrepostos*.

Christo poucas vezes se encontra vestido com o *colobium*; apenas em geral tem á volta dos rins uma toalha de linho larga e comprida, que lhe cobre o corpo desde os quadris até aos joelhos. Nos seculos xi e xii, esta toalha tem muitas vezes a configuração d'uma pequena saia que se chama — *perizonium*.

A Cruz tem geralmente quatro ramos.

Algumas vezes tem um rotulo, mas sem inscripção alguma; outras, nem mesmo tem rotulo, que em geral consiste n'uma pequena travessa de madeira rectangular. As inscripções costumam ser variadissimas.

Antes do seculo ix, os personagens e outros accessorios que acompanham a Cruz, são historicos, isto é, a sua presença é justificada pela narração dos proprios Evangelistas. No ix seculo começaram então a apparecer os crucifixos com figuras allegoricas, taes como a Igreja, a Synagoga e as personificações da terra e do Oceano. Vamos, pois, tratar successivamente dos principaes typos do cyclo d'estas representações, começando pelos accessorios historicos, visto que elles se empregam desde o vi seculo.

Personagens e accessorios historicos

A Santissima Virgem e S. João — Santa Maria está á direita e por debaixo da Cruz, e o Apostolo em posição analogá, mas á esquerda do Salvador. Só muito raramente se encontram ambos do lado direito, como succede na miniatura de Florença.

Ordinariamente estão como que erguendo os braços ao Salvador ou occultam o rosto em signal de dôr com a mão nua ou escondida na ponta do manto. A Santissima Virgem tem a cabeça envolvida em um veu e os pés calçados, em quanto que S. João, de cabeça descoberta e com os pés descalços, tem nas mãos um livro.

O phariseu que empunha a lança e segura a esponja. — Ha uma piedosa tradição, desde a idade media, em que se diz que o guarda que feriu o Salvador com uma lançada, era um pagão chamado *Longino*, que mais tarde se fizera christão, sendo depois venerado como Santo pela Igreja.

Quasi todos os escriptores ecclesiasticos consideram Longino representado ao lado da Cruz com o typo dos gentios, em quanto que o phariseu que apresentou a Jesu-Christo a esponja embebida em vinagre parece ser um judeu.

O Sol e a Lua. — No seculo vi, tambem estes astros começaram a ser representados no sacrificio da crucifixão, vendo-se o Sol á direita e a Lua á esquerda do Senhor.

A presença do Sol e da Lua n'estes primitivos monumentos, parece ter por fim recordar o obscu-

recimento do Sol e as trevas que subitamentè se deram em seguida á morte do Salvador.

No seculo ix, a significação, ainda limitada e puramente historica d'este assumpto, foi amplificada com outra mais allegorica, desde essa época. O Sol e a Lua não alludem sómente á obscuridade que envolveu a Terra por ocasião da morte de Christo, simulam tambem o firmamento assistindo e tomando parte na morte e no triumpho do seu Creador.

N'este mesmo seculo os dois astros são quasi sempre personificados e representados por um homem e uma mulher. A personificação do Sol tem regularmente a cabeça cingida de raios luminosos, a da Lua é em geral encimada por um crescente. Uma e outra teem ás vezes um facho.

As santas mulheres chegando ao tumulto do Salvador. — Desde o vi até ao xii seculo, apparece muitas vezes, por debaixo do crucifixo, a approximação, ao tumulto, das tres santas mulheres, Maria Magdalena, Maria, mãe de S. Thiago, e Salomé. Ellas seguram jarros, thuribulos ou outros vasos, e estão diante do Anjo, sentadas, não dentro do sepulchro, como diz o Evangelho, mas diante d'elle. Muitas vezes figuram-se tambem soldados desfallecidos ou adormecidos.

A reproducção d'esta scena na parte inferior da Cruz era para pôr em paralelo a humilhação e a glorificação do Salvador, a sua morte sobre a Cruz e a sua resurreição gloriosa.

A resurreição dos mortos e a sua sahida do tumulo. — Durante o seculo ix figurava-se muitas vezes ao pé da Cruz a Resurreição dos mortos que se deu por ocasião da morte de Jesus Christo, segundo narra o Evangelho.

Os tumulos d'onde sahiram os resuscitados têm a fórma de pequenos edificios, geralmente armados com uma capella, mais raramente d'um frontão triangular ou d'um telhado de duas aguas. Nada havia que mais se prestasse a proclamar a victoria alcançada contra a morte de Nosso Senhor expirando sobre a Cruz, como á Resurreição dos mortos.

Personagens e accessorios allegoricos

A Igreja e a Synagoga. Desde o seculo ix até ao xii encontram-se, sobre a maior parte das representações do Sacrificio da Cruz, personificações da Igreja e da Synagoga. Tinham ellas por fim recordar aos Christãos a reproducção do povo d'Israel e a vocação dos infieis a Fé da Igreja Christã. A Igreja, quasi sempre á direita da Cruz, é representada por uma mulher com uma bandeira e aparando n'um calix o sangue que corre da chaga de Nosso Senhor feita no lado direito. A Synagoga é representada por uma mulher com uma bandeira e tambem ás vezes uma palma. Está collocada á

esquerda do Salvador com as costas voltadas para o Senhor, e algumas vezes parece afastar-se lançando olhares de insulto e de cólera.

O Oceano e a Terra.— Os artistas romanos collocavam frequentemente sobre o marfim e sobre as miniaturas dos manuscritos, no pé da Cruz ou inferiormente a toda a composição, as personificações do Oceano e da Terra, tiradas da mythologia.

(Continúa).

POSSIDONIO DA SILVA.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 87

A historia da architectura não designa a epocha certa em que foi construido o templo de Vesta em Tivoli. Corre a supposição de ter sido edificado na ultima epocha da republica de Roma, isto é, entre Silla e Augusto, mas essa epocha refere-se sómente á sua restauração.

A estampa d'este numero do Boletim tem um maximo interesse, pois é para comprovar pelas fórmas differentes dos capiteis corinthios das Ordens romana e grega, que o capitel do templo de Vesta em Tivoli não é d'esse mesmo typo, como era vulgarmente acreditado; pois comparando-os vê-se que, não só pela sua especial composição como pela qualidade do material em que foi esculpido, não pertence á mesma epocha do desenvolvimento da arte, ou na Grecia ou em Roma, como vamos dar desenvolvida explicação.

Na estampa estão representados: um capitel corinthio-greco-romano (A); outro capitel corinthio de Marsalia (B), e um outro de Sagunto (C), outro (D), do templo de Vesta, o qual differe do primeiro e veio dotar a arte com um exemplar mais remoto que os modelos classicos, não sendo menos bello na sua fórma e composição do que os outros que até ao presente se julgava serem os unicos typos das duas respectivas ordens de architectura.

Pelo capitel E em escala maior e completamente restaurado melhor se apreciará a sua belleza e caracter especial.

Um distincto architecto italiano tendo modernamente, com rigoroso escrupulo, examinado todos os detalhes com observação constante, reconheceu, sobretudo pela fórma do capitel das columnas que circumdam a *cella* do templo de Vesta, que era da mesma fórma do que foi agora descoberto na antiga Lilibeu, demonstrando que esta fórma de capitel constitue um *specimen* caracteristico de uma architectura que estivera primitivamente em uso, e especialmente na Sicilia desde o tempo mais remoto, e que ficara confundido o *seu typo* na historia da arte conjunctamente com a architectura Romana.

Esta fórma de capitel encontra-se igualmente

na antiga Solunto, Cora e Palestrina, cidades que preexistiram da fundação de Roma; assim como um grande numero se vê em Pompea, sendo sempre lavrada em cantaria macia e menos compacta da localidade, e *nunca executada em marmore*, cuja qualidade era completamente desconhecida na architectura grega.

Ha só dois typos differentes na Italia e na Grecia, da Ordem Corinthia, isto é; os dos monumentos da epocha do imperio romano e do monumento corographo de Lysicrates em Athenas, os quaes não se podem confundir com a fórma d'aquelle de Tivoli; nem tão pouco com os semelhantes das outras cidades já citadas, nem com aquelle descoberto ultimamente em Lilibeu.

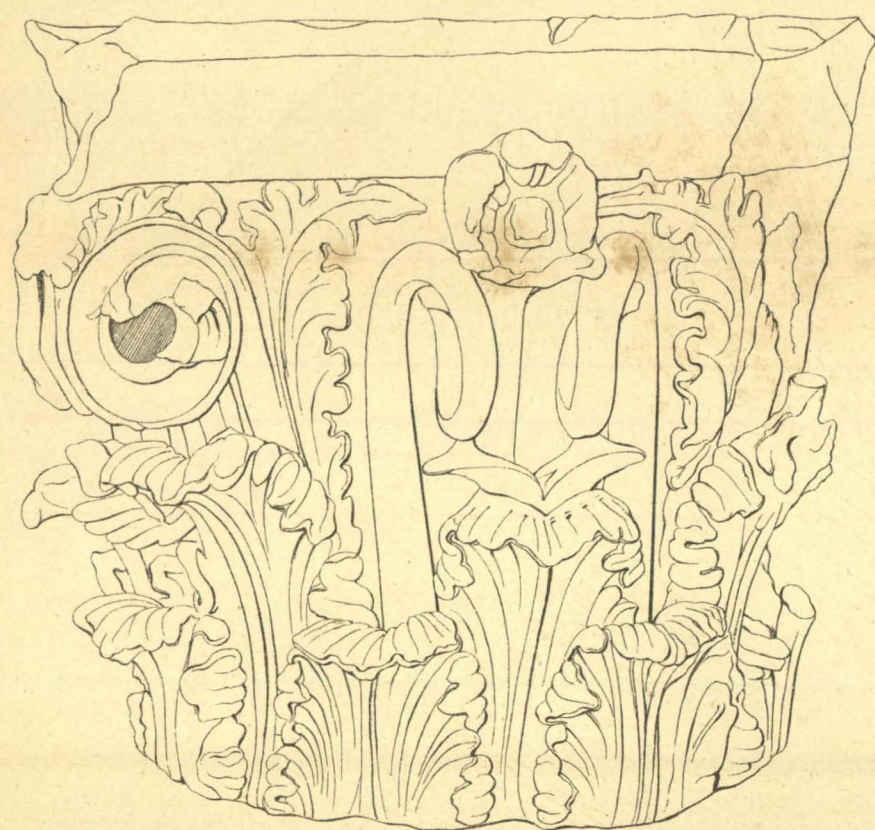
Não se precisa ser um architecto conhecedor do estudo do antigo para designar a verdadeira escola da arte; basta que seja sómente um esclarecido amator de architectura que lance o olhar sobre o capitel em questão e comparando o com os das figuras 1, 2, 3, 4 da estampa, achará logo a differença no typo pela sua composição e caracter differente; porém Tivoli, Preneste, Cora, Salunto, Pompea, cidades igualmente muitissimo remotas da Italia, conservam tambem todas exemplares do typo indicado estando sempre esculpido na pedra da localidade com a execução mais ou menos apurada; nenhum fragmento de similhante qualidade e fórma se encontra na Grecia.

O exemplo de Tivoli é certamente um d'aquelles em que a arte teria chegado ao seu apogeo, sendo essa rara antigualha assás preciosa que merecia ser conservada dentro d'um estojo de crystal, pois é um specimen de um valor inestimavel, que se póde considerar unico na architectura.

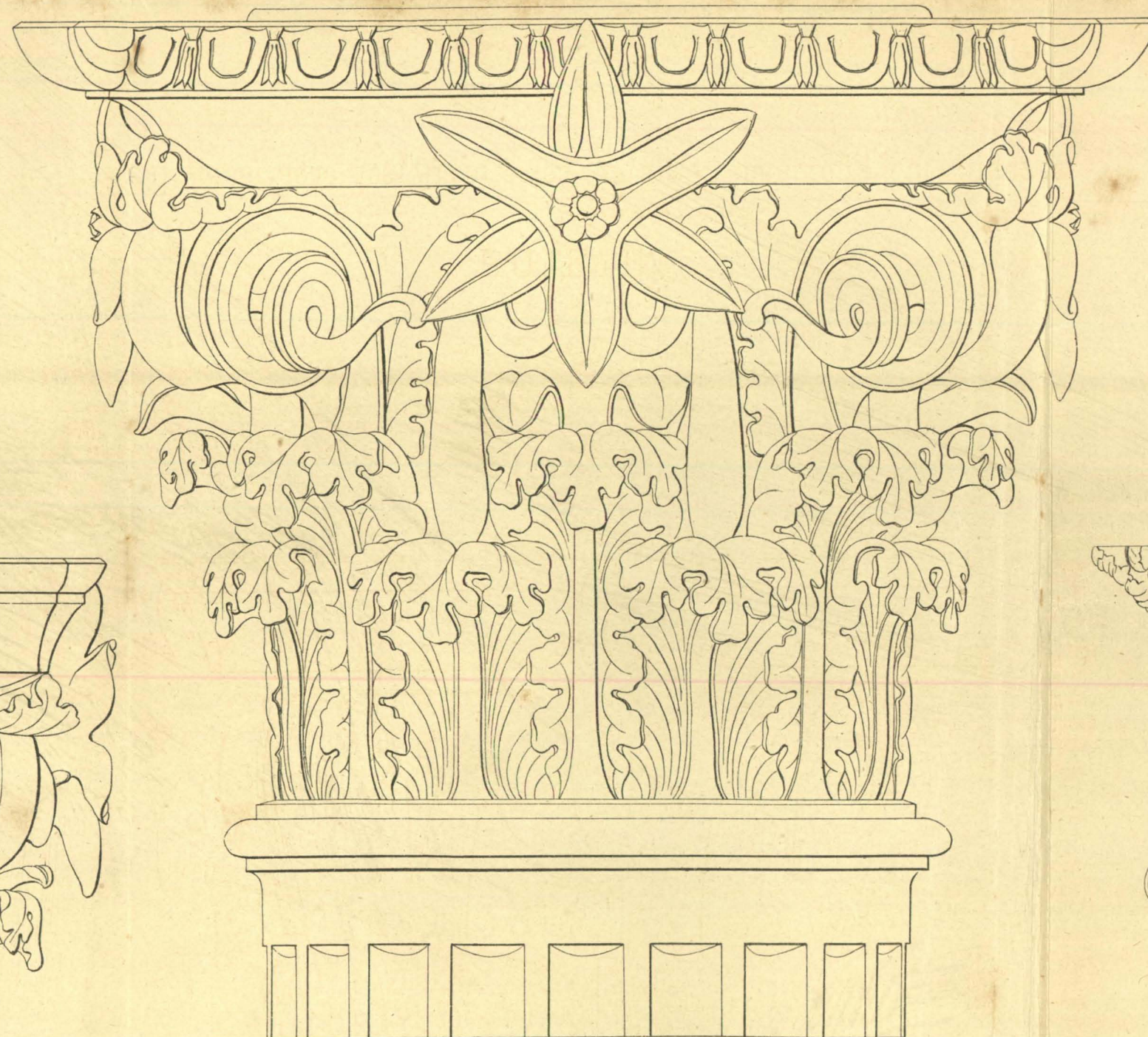
Além do typo do seu capitel, vê-se tambem a Ordem completa que tem a fórma e caracter differente da que pertence ao estylo grego, mostrando a sua grandiosa cornija cheia de ornamentação e esculpida no marmore, a origem da sua romana execução.

Os diversos fragmentos que se encontram d'esta Ordem na remota cidade conservam o mesmo caracter architectonico. Em Salunto ha outro capitel com uma base e fragmento de fuste tudo similhante ao feitiço de Tivoli. Em Pompeia muitos outros fragmentos se encontram esculpidos na lava imitando o mesmo caracter, fazendo ver que em tempo muito antigo a Sicilia e a cidade de Lacio tinham tido uma identica civilização, que havia produzido uma arte propria: portanto não se pode de modo algum sustentar que a fórma especial da referida Ordem fosse vinda para Italia da Grecia, onde absolutamente ella não existe, como já expozemos. E se por ventura se quizesse reconhecer haver alguma relação de similhança entre as duas Ordens Italico-

BOLETIM
DA
Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

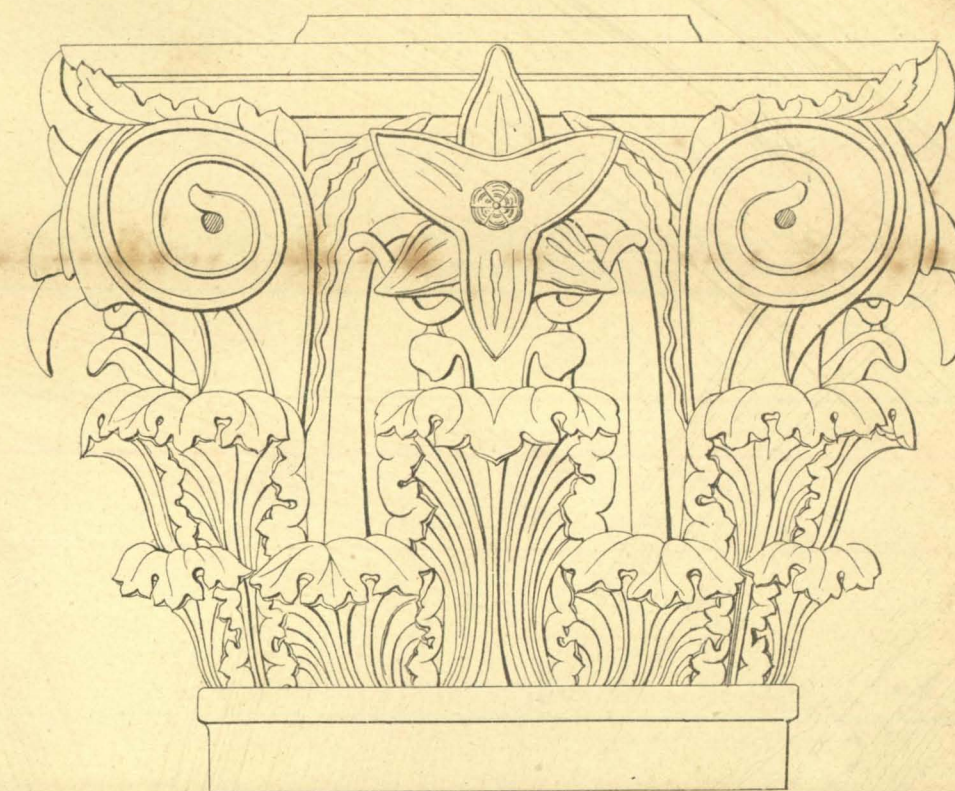


B
Capitel de Marsala

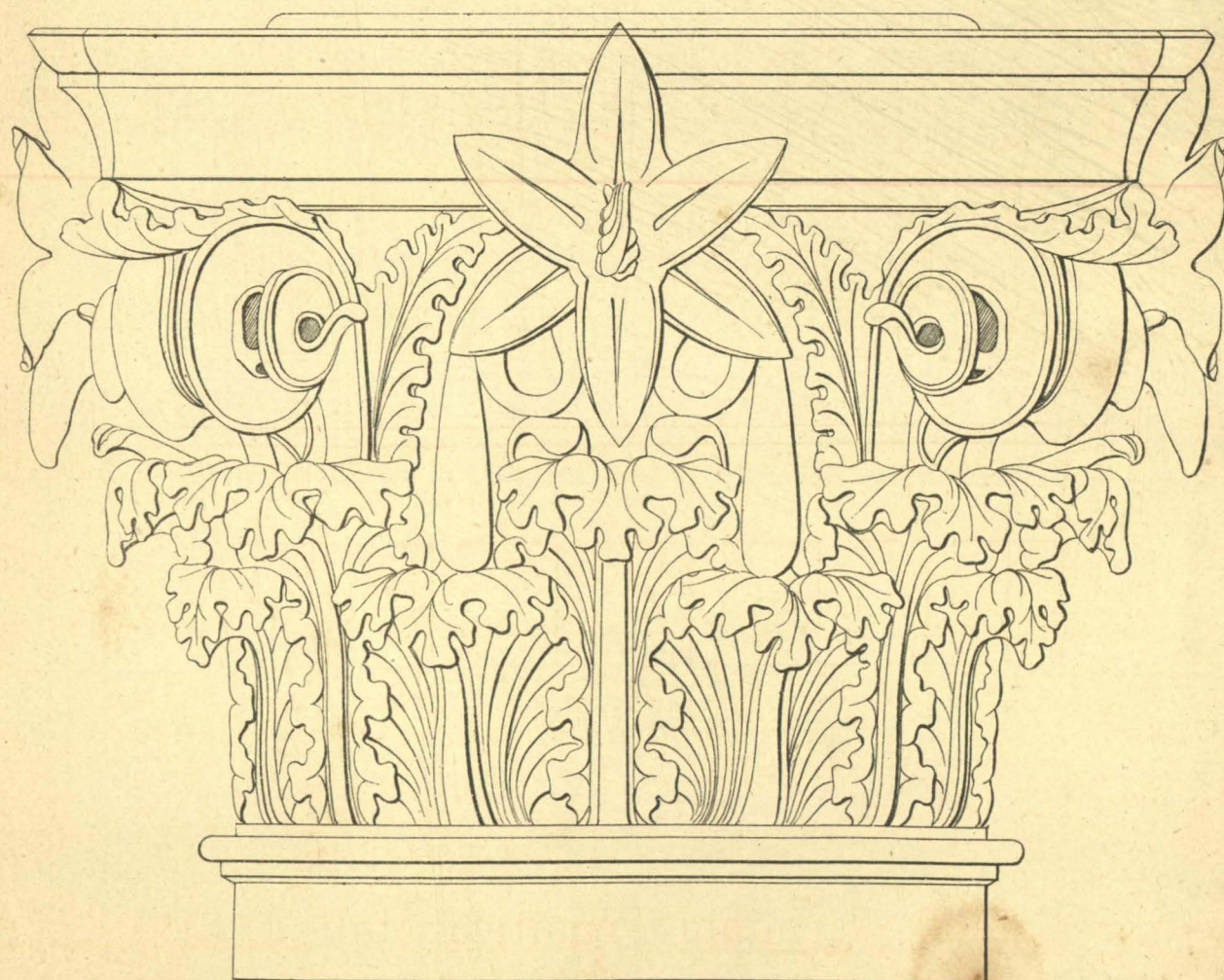


A
Capitel Corinthio Restaurado

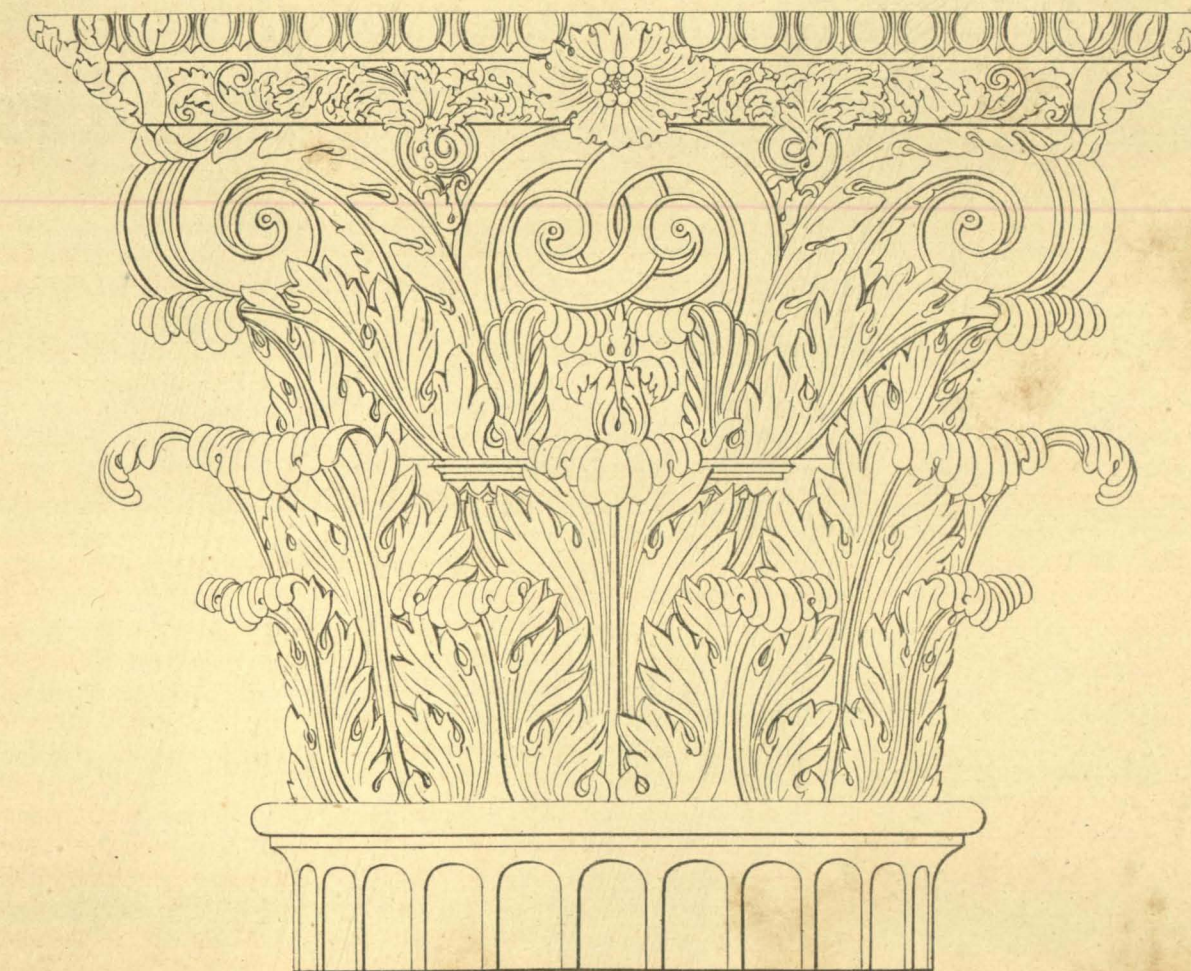
Capitel Corinthio Primitivo Italico.
Estampa 90.



C
Capitel de Solunto.



D
Capitel de Tivoli



E
Capitel Grego-Romano

corinthia e Greco-corinthia, seria isto motivado pela commum origem das duas civilizações Hellenica e Romana de origem Pelagica.

Entrámos com mais desenvolvimento na explicação da estampa, pelo singular interesse que deve causar aos nossos leitores este importante e inesperado descobrimento architectonico.

POSSIDONIO DA SILVA.

CONGRESSOS INTERNACIONAES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS, 1889

(Continuado do n.º 6, pag. 96)

Todos os annos acceito o convite da associação franceza de Archeologia para a conservação dos monumentos á qual se reúnem nas diferentes provincias da republica, tendo-se escolhido agora a cidade de *Evreux*, pela occasião da exposição universal de Paris no anno de 1889, para n'esse anno ter logar o seu congresso: portanto aproveitei a minha estada em França, para tomar parte tambem nos seus trabalhos.

A cidade de *Evreux* fica distante da capital, 25 kilometros, e não obstante estar um pouco cançado por concorrer na mesma occasião a outros congressos na capital, mas sendo instado pelo digno presidente, mr. conde de Marsy, para assistir á ultima sessão do congresso da sua associação, da qual sou tambem socio ha 24 annos, não podia escusar-me á aceitar esse distincto convite. No dia 7 de julho, de manhã, tomei logar no comboio dos caminhos de ferro, que se destinava áquella cidade, chegando á estação ás 10 horas, onde alguns membros do congresso me esperavam, sendo o sr. conde Carlos Lair quem representava o presidente d'este congresso. Fui recebido com a maior amabilidade e demonstrações muito lisongeiras, acompanhando-me ao grande hotel onde os membros do congresso estavam hospedados. Saiu ao meu encontro o illustrado amigo, mr. de Marsy, e depois de haver-me apresentado aos meus confrades, foi servido o almoço, pois haviam tido a delicadeza de esperar pela minha chegada. Finda a refeição, alguns socios me foram mostrar a cidade, na qual ha para admirar a afamada cathedral do estylo ogival em que a sua bella architectura chama a attenção do architecto, e as esplendidas vidraças pintadas de suas amplas janellas do coro, encantam o archeologo ao contemplal-as, tanto pela grandiosa composição com que foram delineados os assumptos, e como principalmente pela superior belleza do colorido, cujo exame nos maravilha.

Fomos depois ver o museu archeologico, que occupa um edificio apropriado e encerra objectos

diversos de subido interesse artistico, e sobretudo um antiquissimo reliquario de madeira, que são raros de igual merecimento; todavia o que produz notavel admiração é uma estatua, em bronze, de Jupiter, obra romana antiga, sendo de um moldado tão real e de execução superior, que me fez exclamar: *Não é para surprehender que os romanos adorassem as estatuas dos seus deuses, quando os artistas lhes apresentavam obras tão sublimes!*

Caminhámos depois para o edificio do lyceu, onde a sessão se effectuou no amphitheatro, no qual estavam grande numero de socios francezes dos departamentos, assim como archeologos da Suissa, Belgica e jovens inglezes, além de algumas formosas senhoras.

O presidente deu-me logar na meza ao seu lado direito; fez-me a honra de me apresentar á assembléa com palavras que me penhoraram sobremaneira e confundiram a minha humilde pessoa.

Principiou a sessão depois de ser lido o expediente; annunciou o presidente que eu desejava apresentar instrumentos prehistoricos, que se haviam descoberto em uma gruta em Portugal, semanas antes de ter saído de Lisboa com destino aos congressos de Paris, para os quaes havia sido convidado. Tive pois a palavra para informar sobre este achado.

Narrei que se fizera a referida descoberta entre o sitio da Batalha, logar tão afamado para a historia de Portugal, e a villa de Alcobaga, onde existe o vasto convento com cinco claustros e grandiosa egreja, na qual 900 frades faziam as suas orações, sendo este remoto edificio da era de 1070, principiado a construir por religiosos francezes da abbadia de Cister, que, por convite do 1.º rei portuguez D. Affonso Henriques, vieram ao paiz para levantar esta grandiosa fabrica religiosa, em memoria de se ter expulsado da cidade de Santarem os mouros em 1047. Foi pois na serra do Carvalho d'Aljubarrota, existente entre essas duas localidades, que no mez de março de 1889 um caçador descobriu a entrada de uma grande gruta, estando a 300 metros de altitude, e havendo n'ella penetrado, admirou-se de vêr o seu comprimento assim como muita terra amontoadá na sua parte mais horisontal: participou então o achado a um illnstradissimo amator de antiguidades, o sr. Natividade, habitante de Alcobaga, o qual procedeu a exploral-a. Logo que isso me constou, fui examinar essa gruta, que é de grande extensão e estava figurada na planta que levantei. Na parte horisontal, quasi no seu comprimento, onde se procedeu ás escavações, foram achados diversos instrumentos neolithicos, mostrando pelas suas diversas fórmas ter sido habitada em diferentes epocas e por dilatado tempo. O grande numero de utensilios e a extrema quantidade de

fragmentos e incompletos instrumentos de sílex, que no mesmo sítio estavam amontoados sobre o solo, tudo indicava evidente mente ter havido ali uma grande officina prehistorica, e é sem duvida a mais importante achada em Portugal. Trouxe varios exemplares para serem examinados pelos membros do congresso; entre elles se notavam as serras em sílex e os fragmentos de ceramica com lavor um pouco apurado; mas sobretudo um fragmento de placa de schisto com triangulos indicados a traço, como é geralmente o modo de se figurarem esses adornos, havendo todavia a particularidade de estarem os triangulos traçados dentro de *dois circulos concentricos*, quando o que se tem descoberto com este desenho fica entre linhas parallelas, sendo pois um especimen raro. Outro objecto que ainda causava maior admiração, que tambem apresentei, foi *uma delicadissima lanceta em cristal de rocha*! Os archeologos não ignoram que os primitivos homens prehistoricos sabiam praticar a operação do *trépano*; não será pois para estranhar que elles empregassem tambem a sangria para diminuir a febre, sendo de extraordinaria raridade encontrar-se aquelle delicado instrumento cirurgico. É para Portugal mais outra descoberta prehistorica, que reunida aos machados de bronze com duas azas e o *talon* cheio com as perolas de Calais e bellissimas ceramicas das grutas de Palmella lhe tem alcançado logar distincto a esses remotos vestigios da primitiva industria no mundo, pois não consta que tenham sido ainda descobertos em outra qualquer região. Havendo mostrado esses instrumentos aos insignes archeologos Messieurs de Quatrefages e de Mortillet, estes sabios ficaram admirados com semelhante e singular descobrimento. Esses exemplares foram examinados pelos membros d'este congresso, e será publicada no Boletim da sociedade a communicação archeologica que fiz, assim como a planta da referida gruta.

O distincto presidente agradeceu a interessante communicação sobre tão importante achado, louvando a incansavel perseverança com que continuava no desenvolvimento dos estudos archeologicos no nosso paiz e que era dever dos membros do congresso reunirem-se a elle para congratular o seu confrade e collega cavalheiro da Silva.

Antes de se concluirem os trabalhos, pediu este ao sr. presidente que lhe concedesse ainda a palavra, o que lhe foi concedido. Expressou-se pela seguinte forma: Esta benemerita associação rendeu uma merecida veneração ao meritissimo fundador d'este instituto, o insigne Mr. De Caumont a quem foi levantada uma estatua de bronze em Caen, terra de sua naturalidade; não é para admirar esse testemunho publico a este sabio archeologo, pois que a França tem por costume erigir em honra dos

homens de superior saber um monumento que conserve para a posteridade a fama do nome e dos serviços prestados ao desenvolvimento de todas as faculdades intellectuaes; mas, senhores, eu supponho que isso não é ainda sufficiente para nós reconhecermos o extraordinario serviço com que Mr. De Caumont contribuiu para os nossos estudos, tendo sido o primeiro a publicar um tratado desenvolvido para se vulgarisarem os conhecimentos archeologicos; tratado aceite com geral aprazimento dos estudiosos de todos os paizes, sendo precisos 20:000 exemplares d'essa publicação, composta de 6 grandes volumes com mais 6 albuns em estampas de grande formato, para satisfazer o numero dos leitores dedicados a esses novos estudos em 1834! Portanto, senhores, eu tenho a honra de propôr que se mande tirar o molde da effigie da estatua de bronze de Mr. De Caumont, afim de se tirarem tantos bustos em gesso quantos forem precisos para serem offerecidos ás sociedades de archeologia de *todos os paizes*, e para esse fim serão convidados os seus respectivos socios *para todos concorrerem* com uma minima moeda de prata afim de se tornar geral essa merecida homenagem de reconhecimento ao sabio fundador dos estudos archeologicos na Europa, prestando todos nós reunidos por essa manifestação, não sómente a devida consideração ao merecimento do divulgador d'essa sciencia, mas ao mesmo tempo um testemunho de gratidão de todos que se tem dedicado a esses estudos. Não duvido que este sentimento não seja partilhado por todos os archeologos francezes, e eu meobrigo a que todos de Portugal se prestarão da melhor vontade a tomarem parte n'essa subscrição de tão sympathica e honrosa manifestação.

Com repetidos applausos foi aceite e approvedo que se realisasse esta commemoração gloriosa á memoria do venerando fundador da sciencia archeologica na Europa,

As 7 horas teve logar o banquete, o que sempre é pratica no final dos congressos, estando á meza 108 archeologos; dando-se-me o logar distincto que já havia occupado na sessão; foi servido com manjares escolhidos e vinhos generosos. Encarregou-se de organizar o banquete o muito amavel socio Mr. Conde Lair. O jantar correu o mais animadamente possivel; fizeram-se os brindes do estylo, festejando-se com repetidos applausos a presença dos archeologos estrangeiros, aos quaes corresponderam com affectuosas demonstrações de consideração e agradecimento.

Já tinham dado 11 horas da noite quando me despedi dos meus distinctos collegas, chegando a Paris depois da uma hora, porque não podia pernoitar em Evreux, pois estava inscripto na ordem do dia n'outro congresso na capital, para tratar de

differente assumpto; e posto que com estes excessos de trabalhos, na minha avançada idade, arrisquei-me a emprehender-os unicamente pela attracção irresistível de desejar adquirir instrucção, que poderia ser util aos estudos archeologicos do meu paiz.

POSSIDONIO DA SILVA.

CHRONICA

Descobriu-se grande numero de moedas de prata arabes na provincia do Algarve em um sitio proximo de Mertola, das quaes um amator de numismatica, residente em Tavira, fez acquisição. O nosso presidente sempre prezevante em augmentar as collecções archeologicas do Museu do Carmo, escreveu ao possuidor d'este achado solicitando o favor de conceder alguns exemplares afim de se conservar no museu tambem esta recente descoberta. Posto que o cavalheiro que as possui não seja conhecido do sr. Possidonio da Silva bizarramente offereceu quatro de grande modelo e de perfeita conservação, vindo juntar-se ás 14 moedas já existentes no museu as quaes foram offerecidas pelo fallecido Soromenho.

E' digno de louvor o sr. Francisco Rocha que não hesitou em contribuir para que os estudos das antiguidades do nosso paiz possam offerecer mais dados afim de se verificarem factos historicos da Peninsula da Lusitania.

O nosso digno socio correspondente o sr. conde Charles Lair, um dos mais distinctos membros da Sociedade franceza de Archeologia para a conservação das antiguidades do seu paiz, mereceu ser agraciado por S. M. El-Rei D. Carlos com a commenda da Ordem de Christo. E' sem duvida lisongeiro para nós conferir-se distincções aos nossos consocios, que pela sua illustração e assignalados e repetidos serviços scientificos se têm desvelado para enriquecer as collecções do nosso Museu. Reciba pois este nobre collega as nossas cordiaes felicitações.

Esta Real Associação deliberou que fosse apresentada ao governo por uma deputação presidida pelo sr. conde de S. Januario, e tendo por vogaes os srs. visconde de Alemquer, conde de Almedina e Eduardo Augusto da Rocha Dias uma representação que publicamos n'outro logar d'este *Boletim*. Do bom exito do nosso pedido é seguro penhor a illustração do nobre ministro das obras publicas, sr. Frederico Arouca.

O commendador Antão Blomans nosso estimado socio correspondente, secretario do congresso dos Americanistas em Bruxellas, e distincto archeologo, participou ao nosso presidente que lhe remetteria as suas modernas publicações para a bibliotheca da nossa Associação, como um testemunho de consideração que lhe merece, assim como para demonstrar tambem quanto estimou saber ter-se commemorado o xxv anno da sua fundação, sentindo bastante não ter podido assistir a essa sessão

solemne, que tanta satisfação teria causado a todos os seus socios e principalmente ao seu respeitavel fundador.

À MEMORIA

DE UMA CONSPICUA PESSOA DE NOTAVEL ILLUSTRACÃO
E DE SUPERIORES QUALIDADES

O *Boletim da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes* paga por este modo a sua divida á memoria do illustre D. LUIZ DE RUTE, fallecido ha mezes.

Dizer que era pessoa de elevadissimos merecimentos seria inutil; seria repetir o que toda a gente, entre nós, sabe.

O que deveras contrista e faz lastima, é vêr que aos quarenta e quatro annos, apenas, se perdeu para a nossa visinha Hespanha um dos seus filhos mais dedicados e de quem havia que esperar brilhantissimos futuros.

Como engenheiro (o primeiro do seu curso), como orador parlamentar de subidos quilates, como politico, como sabio, como homem de letras e sobretudo possuindo qualidades sérias, era D. LUIZ DE RUTE digno de ser apontado por modelo.

Falta-nos infelizmente o espaço para traçarmos a sua biographia. A biographia de tão activo e talentoso trabalhador seria exemplo e incitamento a quem lida em prol do bem publico, e a quem folga de poder contemplar modelos dignos de imitação.

Moço, em todo o vigor da sua poderosa intelligencia, via este homem, tão prematuramente arrancado ao seu Paiz, sorrir-lhe a gloria em todas as manifestações.

A dôr da Hespanha foi geral por esta perda, e a imprensa periodica de todas as côres politicas commemorou condignamente o illustre Finado.

Prestando-lhe esta homenagem, associamo-nos do fundo da alma ás lagrimas da nação e ás da sua inconsolavel Familia.

Os R. R.

NOTICIARIO

A Sociedade Academica de Architectura de Lyon, França, deliberou no presente anno abrir um concurso annual entre os architectos e os artistas francezes e estrangeiros para perpetuar a recordação de todos os monumentos e fragmentos artisticos da cidade de Lyon, que pela sua vetustez, incuria ou modificação das ruas publicas estejam expostos a serem demolidos ou alterados, afim de se conservar o seu typo e a duração da epocha da má edificação. Aos

concorrentes serão conferidos premios pecuniarios, assim como medalhas de ouro e prata. Esta providencia archeologica muito honrosa é para a benemerita Academia de Architectura Franceza e servirá de lição ás nações em cujas cidades se destroem os seus antigos monumentos sem nenhum escrupulo nem criterio, como temos presenciado em Lisboa.

Ainda bem que os nossos monumentos nacionaes não estão agora expostos a esse vandalismo, visto que o governo creou uma commissão para os medir e desenhar, para poderem ser restaurados ou reconstruidos no mesmo estylo e caracter, quando, por qualquer accidente, se damnifiquem; evitando-se monstruosidades como as que se tem dado na restauração de alguns.

Sendo os marmores coloridos com côres vivas os mais caros, em quanto os de côres claras valem muito menos, pesto que não agradam tanto pela sua monotonia, inventou-se colorido artificial, fazendo-se penetrar nos marmores brancos veias coloridas, empregando uma solução em alcool com a côr que se pretende obter. A cera branca é o vehiculo para applicação d'essas cores e devendo estar bastante quente. O cimento para as juntas deve ser assim preparado: gesso com agua saturada de pedra hume, indo ao forno.

Uma inscripção grega achada por Cyriaco d'Ancona nas ruinas do famoso templo de Adriano em Cyzico, foi agora interpretada d'este modo: *Aquelle que me fez erguer do solo, com dispendio de toda a Asia, e grande reforço de gente, foi o divino Aristeneto*. Ao cabo de 1817 annos se conheceu o nome do celebre architecto que havia delineado e construido esse estupendo templo considerado ser uma das sete maravilhas do mundo!!!

O nome d'esse celebre artista reviverá pois na historia e terá a veneração de todos que professam a mesma arte e possuem o culto pelo sublime das produções architectonicas.

Na secção do Instituto de França ficou eleito por 16 votos sobre 31 votantes, o seu membro mr. Alfredo Nornand, architecto, obtendo-se esse resultado á sexta vez que correu o escrutinio.

Em Roma fizeram-se ultimamente os seguintes descobrimentos: um mosaico, os vestigios de uma basilica, uma cabeça de marmore da época de Antonino, e uma inscripção pertencente a um commerciante de perolas.

Debaixo da celebre estatua de Moisés, de Miguel Angelo tambem se descobriu recentemente um mosaico, no solo da igreja de S. Pedro.

A Associação dos carpinteiros acaba de offerecer ao Municipio de Paris o modelo do templo de Salomão que tem quatro metros de altura, tendo sido executado com bastante esmero.

A estatua de Victor Hugo que deverá ornar o Pantheon de Paris, e que o distincto esculptor Mr. Robim está fazendo, representa o illustre litterato sen-

tado sobre um rochedo, tendo a cabeça descansada sobre uma das mãos, com a outra estendida para a frente; por detraz tres musas, a historia, Melpomene, a tragedia, a eloquencia e a poesia, inspiram ao vate as suas admiraveis publicações. O trabalho do artista é executado com superior talento.

Uma ponte de extraordinario comprimento, construida em aço, foi inaugurada em 3 de março e servirá no golfo de Forth ao norte de Edimbourg para reunir e facilitar a entrada do Perth e do Norte da Escossia.

A sua extensão é de 2:530 metros, o pilar mais profundo no golfo tem de altura 137 metros, quasi a altura da grande pyramide do Egypto, podendo passar os navios por debaixo. Levou 7 annos a construir com 2:000 operarios trabalhando constantemente de dia e noite e o seu custo foi de 56.250:000 francos!

Na cidade de Hamburgo construiu-se uma casa de papel; as paredes são formadas por duas camadas de papel, a face interna é impregnada com uma substancia ignifuga, e a externa coberta por uma composição que lhe evita a humidade.

Esta casa está destinada a servir de restaurant, tendo a sala principal de comprimento 27 metros e 43 centimetros. Será boa para resistir aos tremores de terra!

Chicago, (Estados-Unidos da America), vae tambem ter a sua torre Eiffel, porém com muito maior altura e aspecto mais artistico.

Esta torre terá 490 metros de altura, será redonda com uma diminuta differença no diametro entre a sua base e cume.

Dois caminhos abraçam em helices a torre, desde a base á extremidade. Estes caminhos tem 22 metros de largura na base, e 15 metros no cimo. As duas helices tem um declive de 8 por cento e fazem cada uma 17 circumvoluções; estendidas, teriam cada uma quasi seis kilometros de extensão: a distancia do Terreiro do Paço ás Laranjeiras! Um dos caminhos é destinado para duas linhas de *tramways pneumaticos*. Um trem com 60 logares par tirá em cada *meio minuto*.

O outro caminho servirá para quem não se utilisar dos tramways, podendo ir a pé ou a cavallo! e mesmo de carruagem!! de maneira a poder sair de casa já em trem e ir apaar se ao segundo andar d'esta estupenda torre metalica, a qual terá 90 andares! O dispendio com esta gigantesca construcção é de 12.500:000 francos!

Nas sepulturas prehistoricas, proximo da pequena cidade siberiana de Minoussinsk, encontrou-se um grande numero de instrumentos de pedra, bronze e ferro; acharam-se tambem mascaras de gesso de grandeza natural, sendo no seu maior numero com os typos mongolicos, havendo outras com as feições europeas de bastante regularidade. Portanto é mais uma curiosa particularidade que veio augmentar a collecção de exemplares archeologicos conhecidos.